

Guia Simplificado da Mensagem de 1888

Importância de sua compreensão

Uma crescente inquietude assalta a muitos: ‘A mensagem de 1888 é tão importantes para que eu lhe dedique meu tempo?’

Sim. Ela é. Esta mensagem é aquilo por que clama o sedento coração de todo aquele que espera a segunda vinda, no mundo inteiro. Qual seria a razão dela impressionar a semelhança do resplendor de um relâmpago? *Esta mensagem foi “o princípio” de uma explosão transbordante do Espírito, sem precedentes desde os dias do Pentecostes.* Foi o começo “do derramamento da chuva serôdia proveniente do céu”. Era o refrigério das boas novas desejadas pelos corações enfermos de sede.

“A terra” iria ser “iluminada com Sua glória”. Verdadeiramente, uma luz deve iluminar o Islamismo, o Hinduísmo, o catolicismo, o protestantismo e o paganismo. “Outra voz do céu” deve abrir caminho até a alma humana: “Sai dela [Babilônia], povo meu”, dando cumprimento a tão esperada profecia de Apocalipse 18. Nosso emblema deveria incluir um “poderoso” quarto anjo, junto aos três habituais nas fachadas das igrejas e escolas.

[Nota do tradutor: Infelizmente, no tempo em que estamos traduzindo este material, nossa logomarca já não é mais os três anjos, mas mudou-se para um emblema de significado bem ecumênico e de acordo com uma visão popular do evangelho]

Esta mensagem é *tão* importante? Desde que os apóstolos revolucionaram “todo o mundo” (Atos 17:6), nenhuma outra mensagem realizou uma obra semelhante, se bem que o “Clamor da Meia Noite” de 1844 esteve próximo. O Senhor havia determinado preparar um povo *ali mesmo*, para enfrentar os últimos acontecimentos da história. A ordem do dia não era “prepare-se para a morte”, mas “prepare-se para a trasladação”.

Por menos que se fale, ela se mostra inquietante.

Porém, a mensagem do Senhor não consistia em uma aterrorizante exigência: “Faça o impossível !” Não era uma viagem ao “Faça você mesmo” debaixo da pressão do temor, mas era uma *experiência de fé*. Como o orvalho ao descer sobre os campos sedentos, a mensagem foi uma refrescante chuva de graça que “superabundou” muito mais que todo o abundante pecado que o diabo pode inventar. Ela cativava o coração. Começou propagar-se o resplendor de uma prazerosa esperança, pois possibilitava ver o caráter de Deus de uma forma distinta. E. White a descreveu como se ao dobrar uma esquina uma pessoa se encontrasse cara a cara com Jesus lhe sorrindo, e não franzindo o semblante, “um Salvador próximo, a mão; não distante” que nos pegasse pela mão e dissesse: “Venha!, Vamos para o céu!” As boas novas da Bíblia incendiaram como num sonho os corações desanimados. Foi surpreendente! Os adolescentes eram ganhos para o evangelho. Deus não estava procurando impedi-lo de entrar no céu, mas estava preparando-o para estar lá. Cada página da Bíblia envolta em trevas começou ser iluminada com a luz das boas novas.

Não deveríamos ter recebido tal mensagem de conteúdo tão transbordante? Certamente, assim como as novas dos pastores sobre o nascimento do Messias em Belém deveria ter trazido os sacerdotes em massa de Jerusalém, para darem-lhe as boas vindas. Mas nos aconteceu algo tão estranho quanto aconteceu com eles. Exceção feita a uma pequena minoria de ouvintes, a

mensagem teve a mesma acolhida de “nossa” parte há cem anos atrás, como foi a que teve Jesus pelos judeus há milênios. A pena inspirada disse que se Cristo tivesse se achado fisicamente em pessoa, “haveríamos” de tratá-lo como o fizeram os judeus.

Em que constituiu a mensagem propriamente dita?

Foi simplesmente um ensino Evangélico habitual como o que temos ouvido durante toda a vida? “Jesus me ama, eu sei. Devemos procurar melhorar. Pecamos, e Jesus nos perdoa, por que reinventar a roda?” Alguns de nossos próprios teólogos tem pensado sinceramente que a mensagem de 1888 não era senão uma renovada ênfase dos ensinamentos da Reforma do século XVI, ou dos grupos evangélicos de nossos dias.

Todavia por baixo da superfície se esconde algo diferente. E. White compreendeu que a mensagem de 1888 ia muito mais além do que a mensagem das igrejas populares guardadoras do domingo. Era “verdadeiramente a mensagem do terceiro anjo”, “nova luz”, “uma mensagem que é a verdade presente para este tempo”, “luz do céu”, “a luz que deve iluminar a terra com sua glória”. Não era somente que Jesus perdoa o pecado; além disso, *Ele nos salva do poder e da escravidão do pecado, agora mesmo*. Existe esperança até para os viciados. Era a mais abrangente mensagem do evangelho que o mundo moderno já ouviu, uma vez que estava baseada na verdade da purificação do santuário. Eis aqui alguns pontos de destaque que recuperam a mensagem de 1888:

1. Um refrigerante enfoque da justificação pela fé. A idéia predominante há cem anos (e também agora) era que a justificação pela fé é somente o perdão dos pecados passados, uma manobra legal da parte de Deus, que remove a culpa de uma pessoa, contudo deixando o pecador que crê “pronto para morrer”. Não existe progresso real quanto a vencer o pecado, até a santificação. Porém a mensagem de 1888 vai muito mais longe. O que encheu de alegria o coração de E. White ao ouvir a mensagem, é que a justificação faz o crente obediente a todos os mandamentos de Deus. Obra que muitos acreditam ser exclusiva da santificação. Não é necessário esperar a santificação para saber o que significa guardar os mandamentos! Na genuína justificação pela fé, o coração é reconciliado com Deus; não é meramente um ato judicial que declara a absolvição dos pecados passados. Esta melhor compreensão significa que a pessoa pode desfrutar *agora* da vitória sobre o pecado, já que é impossível que o coração ser reconciliado com Deus sem ao mesmo tempo o ser com Sua santa lei. Esta poderosa verdade de piedade prática descansa sobre o firme fundamento de outra verdade não menos refrigerante:

2. Uma nova perspectiva da cruz de Cristo. Começou em 1882, na experiência onde o jovem E.J. Waggoner teve um vislumbre da cruz, como o centro e substância da mensagem do terceiro anjo. Quando Cristo deu seu sangue pelos pecados do mundo, *redimiu a raça perdida*. Ninguém é deixado de fora, uma vez que já estava certo “que pela graça de Deus provasse a morte por todos” (Heb. 2:9). Em outras palavras, Cristo morreu a segunda morte, o castigo final pelo pecado, por todas pessoas.

E realizou tudo isto antes que tivéssemos a mínima oportunidade de dizer sim ou não. Jesus se vinculou à alma de todo homem, indo até o nível mais profundo dela, até a fonte oculta de seu medo íntimo e pessoal da morte eterna. O sacrifício de Cristo livra o homem deste temor, que o mantinha escravizado “por toda a vida” (vers. 14 e 15). O pecador pode resisti-lo e recusa-lo para sua própria perdição, pois Cristo não força ninguém a ser salvo.

Isaías disse: “O Senhor fez cair sobre Ele o pecado de nós *todos*”. Paulo declara que “é o Salvador de *todos* os homens, principalmente daqueles que crêem”. E João afirma que “Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de *todo o mundo*” (Isa. 53:6; 1 Tim. 4:10; 1 João 2:2).

Por acaso Cristo não faz nada por nós até que iniciemos o processo e o elejamos como nosso

Salvador? É somente um Salvador *possível*, com um grande SE... condicional? É o pecador que primeiramente precisa fazer algo, como crer, e obedecer aos mandamentos, a fim de que Cristo se transforme em seu Salvador? Funcionamos, por acaso, como co-salvadores, ajudando a salvar-nos a nós mesmos? A mensagem de 1888 diz: Não, o sacrifício de Cristo é mais do que algo simplesmente *provisional*. Ele *efetivamente* comprou nossa vida atual e tudo quanto possuímos e somos; comprou a salvação eterna em nosso favor e a entregou-nos na dádiva de Si mesmo (se bem que podemos recusá-la, apesar de Cristo ter cumprido tudo o que era necessário).

A paralisia espiritual da mornidão se origina no mais profundo de nós mesmos, na consideração de Cristo a semelhança de um banco que não faz nada, até que ingressemos com o depósito. Convertamos a Cristo em alguém impessoal, distante. Compete a nós dar o primeiro passo. Em outras palavras, fazemos que a nossa salvação dependa de nossa própria iniciativa. Mas a realidade é que Cristo já efetuou o depósito da vida eterna com todas as suas bênçãos, creditando-a imerecidamente em *nossa conta* bancária. Já é nossa “nEle”. Agora, tornamos efetivo o cheque e reconhecemos a benção, *pela fé*. Tal “obra de amor” produz por si mesma obediência interna e externa a Aquele que tudo entregou por nós. Tudo mais está incluído na experiência da justificação pela fé.

A conseqüência é que a única razão pela qual alguém pode finalmente perder-se é por haver resistido e recusado aquilo que Cristo já realizou em seu favor. Pela incredulidade, pode frustrar deliberadamente o dom que Deus colocou em suas mãos. Essa incredulidade é o pecado dos pecados, e é o pecado universal do mundo. Em outras palavras: se alguém finalmente for salvo, será devido à *iniciativa de Deus* ; e caso se perca será por sua própria iniciativa. Trata-se de deixar de resistir a Sua graça!

Por que é tão importante compreender isso? Porque o temor, como motivação, carece do poder necessário para preparar um povo para a volta de Cristo. Pode despertar temporariamente a alguns, mas nada mais. Existe uma motivação superior que E. White descreveu:

- **“É nos mostrada a brevidade do tempo para nos estimular a buscar a justiça e fazer de Cristo o nosso amigo. Mas este não é o grande motivo. Tem sabor de egoísmo. É necessário que nos mostrem os terrores do dia de Deus para compelir-nos pelo medo a agir corretamente? Isto não deveria ser assim. Jesus é atrativo. Ele está cheio de amor, misericórdia e compaixão.”**
- **“Não é o medo do castigo, ou a esperança da recompensa eterna, que induz os discípulos de Cristo a segui-lo. Contemplam o incomparável amor do Salvador, revelado em Sua peregrinação na terra, desde o presépio de Belém até a cruz do Calvário, e a visão do Salvador atrai, entenece e subjuga a alma.”**

3. Mais boas novas. O sacrifício de Cristo reverteu a “condenação” que pesava sobre todos nós “em Adão”. Literalmente, salvou o mundo de um suicídio prematuro que o pecado fez com que deparássemos. A cruz do Calvário está estampada em cada pão. “Ninguém, santo ou pecador, come seu alimento diário sem ser nutrido pelo corpo e sangue de Cristo.” Quando esta verdade se torna clara, aparece em todos os lugares da Bíblia:

- **Pois o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo... Este pão é a minha carne, que eu darei pela vida do mundo (João 6:33, 51)**
- **Mas a ofensa de Adão não pode ser comparada com o dom que temos recebido de Deus... O pecado de um só homem não pode comparar-se com o dom de Deus, pois por um só pecado veio a condenação, mas pelo dom de Deus os homens são declarados livres de seus muitos pecados... E assim como pela ofensa de Adão veio a condenação para todos os homens, o justo ato de Jesus Cristo tem trazido para todos os homens uma vida livre de condenação (Rom. 5:15-18. V. *Dios habla hoy*)**

Uma poderosa motivação!

O resultado prático de crer nessas boas novas é que ao experimentarmos a justificação pela fé, é produzida em nós uma mudança de coração. Estávamos afastados de Deus, em inimizade com Ele; e agora O vemos como a um Amigo. Em outras palavras, “recebemos a reconciliação” (Rom. 5:7-11), “passamos a ter paz com Deus” (Id., V. *Dios habla hoy*), somos reconciliados com Ele, recebemos a expiação. Fomos redimidos da morte eterna! É como que alguém estando em um pelotão de fuzilamento, fosse libertado no último instante. Como falou Paulo, “Apresentai-vos a Deus como vivos dentre os mortos”. O cansado coração se vê livre da carga, quando flui esta “paz com Deus”. De agora em diante, nenhum sacrifício será demasiado difícil por Aquele que sabemos ter-nos livrado de tamanha destruição.

Semelhante amor nos constrange a viver para Ele, tornando em realidade fácil ser salvo, e difícil se perder. Este conhecimento impregnado de boas novas, constitui uma parte essencial da mensagem de 1888 da justiça de Cristo (Mat. 11:28-30; Atos 26:14).

Parece bom demais para ser verdade? E. White amava profundamente essas boas novas. Sua ilustração predileta era a proclamação da libertação dos escravos na qual, sob as ordens de Abraham Lincoln - em 1º de janeiro de 1863 - *declarou-se* legalmente livres todos os escravos dos territórios confederados. No entanto, nenhum deles *experimentou* a liberdade até que ouviu as boas novas, creu nelas, e agiu como consequência. E. White compreendeu que essa mensagem do evangelho significaria o fim da onipresente mornidão. A alegria que sentiu a impedia de conciliar o sono à noite.

4. Uma benção adicional. Observando-se mais detidamente, a justificação *pela fé* é muito mais do que uma declaração legal de absolvição. Sendo que faz obediente a todos os mandamentos de Deus o pecador que crê, a benção inclui o quarto mandamento (o sábado). O selo de Deus é o segredo para vencer as inumeráveis imperfeições com as quais a raça humana está contaminada. *Para todo aquele que verdadeiramente crê no evangelho, será impossível continuar vivendo em pecado, que é a transgressão da lei de Deus.* Muitos sinceros guardadores do domingo começarão com alegria a guardar o sábado do sétimo dia quando o virem em sua relação com a justificação pela fé, e a purificação do santuário que começou em 1844. Podemos ver que a verdade do sábado deixa de trazer convicção aos corações, a menos que seja apresentada relacionada com a purificação do santuário.

5. Mas existe um problema. Tudo o que foi dito deixa, entretanto, um cabide onde podemos pendurar as dúvidas, até que possamos compreender o que é fé realmente. É um desejo egoísta de recompensa celestial, combinado com o desejo de escapar do inferno? Todos nós admitimos que o desejo de possuir uma magnífica mansão nesta terra pressupõe uma motivação egocêntrica. Porém, quando alguém se torna um cristão, não está simplesmente transferindo seu desejo de viver na opulência e bem estar, para a expectativa de ocupar um melhor lugar no céu? Se assim for, a motivação se mostrará baseada no interesse próprio. O interesse próprio não é capaz de despertar nada mais do que uma devoção limitada, cuja melhor expressão é definida pela palavra: mornidão.

A mensagem de 1888 traz a luz uma nova e superior motivação: o vivo desejo de honrar e vindicar a Cristo, como é ilustrado no sentimento de uma noiva para com seu noivo. Vai muito além de seus próprios desejos egoístas. *A fé passa a ser uma profunda e sincera apreciação do grande amor revelado na cruz, independente de nosso anelo por recompensa ou medo do inferno.* Transcende a qualquer motivação centrada no eu.

Tal “fé... opera por amor”. Não há limite para as boas obras, ao longo de toda a vida e pela eternidade.

6. Contudo mais boas novas. Todos nós estamos espiritualmente enfermos, e necessitamos de

um médico para a nossa alma. Jesus teve que se submeter a uma disciplina especial, a fim de qualificar-se para ser nosso grande sumo sacerdote (ou psiquiatra divino):

- **Portanto, visto que os filhos participam da carne e do sangue, também Ele participou das mesmas coisas, para que pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo; e livrasse a todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à escravidão... Pelo que convinha que em tudo fosse semelhante a seus irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote naquilo que é de Deus, a fim de fazer propiciação pelos pecados do povo. Porque naquilo que Ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados... Pois não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, porém um que como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado. (Heb. 2:14-18; 4:15)**

O termo traduzido por “aniquilasse”, significa “paralisar”. Certo, Satanás não está morto, porém quando cremos nestas boas novas, ele fica paralisado.

7. Cristo como sumo sacerdote, veio tão perto de nós, ao tomar nossa natureza humana, que conhece plenamente a força de todas as nossas tentações. Resistiu “até o sangue, combatendo contra o pecado”. Seja qual for a tentação, não importa quão baixo tenhamos caído no pecado, por mais terrível que pareça nosso desespero, por mais dominados que estejamos pelo sentimento de culpa, “pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.” Ele está ocupado no lugar santíssimo do santuário celestial 24 horas por dia, e jamais dorme (Heb. 12:4; 7:25).

É como você fosse o único paciente deste médico, recebendo atenção plena durante todo o tempo. Imaginemos ser o único paciente de um hospital, contando com toda a equipe de médicos e enfermeiras a nossa disposição! É isto que nos acontece na unidade de terapia intensiva de Cristo. *Creiamos* em quão maravilhosas são as boas novas, e nossa vida será transformada desde o aspecto mais profundo.

Este capítulo é somente uma breve antecipação das refrigerantes boas novas contidas nesta “preciosa mensagem”. Sugerimos começar com o livro ‘Introdução à Mensagem de 1888’(1), para um exame mais profundo do tema.

R.J.W.

(1) Disponível no site www.libros1888.com (em espanhol)

Tradução e comentário: C.H.
